

BECHARA HISTORIÓGRAFO DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS:
A REVISÃO DE UMA TRADIÇÃO GRAMATICAL

BECHARA AS A HISTORIOGRAPHER OF LINGUISTIC IDEAS:
THE REVISION OF A GRAMMATICAL TRADITION

Ronaldo de Oliveira Batista

Universidade Presbiteriana Mackenzie/CNPq

ronaldo.obatista@gmail.com

RESUMO:

Escrito em homenagem aos 90 anos de Evanildo Bechara, este artigo analisa o texto historiográfico do gramático brasileiro “A tradição gramatical luso-brasileira”. Publicado no final da década de 1990, esse texto faz uma revisão histórica da produção gramatical dos séculos XIX e XX em Portugal e no Brasil. A perspectiva aqui adotada privilegia uma visão meta-historiográfica, pois pretende descrever e caracterizar a natureza do texto sobre gramáticas portuguesas e brasileiras, vistas sob um olhar comparativo, permeado de influências e permanências históricas. Por meio dessa delimitação teórica, alcança-se uma interpretação sobre o trabalho de Bechara, escrito na pauta de uma história que busca por continuidades e diálogos entre autores e obras, constituindo o que se entende por uma tradição na história das ideias linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE:

Evanildo Bechara, Historiografia da Linguística, Tradição Gramatical, Meta-Historiografia

ABSTRACT:

Written in honor of Evanildo Bechara's 90 years, this article analyzes the historiographical text of the Brazilian grammarian “A tradição gramatical luso-brasileira”. Published in the late 1990s, this text reviews the history of 19th and 20th century grammatical production in Portugal and Brazil. The perspective adopted here favors a meta-historiographic view, since it intends to describe and characterize the nature of the text on Portuguese and Brazilian grammars, seen under a comparative perspective, permeated by historical influences and continuities. Through this theoretical point of view, an interpretation of Bechara's work is obtained, written on the agenda of a history that seeks continuities and dialogues between authors and works, constituting what is understood by a tradition in the history of linguistic ideas.

KEYWORDS: Evanildo Bechara, Linguistic Historiography, Grammatical Tradition, Metahistoriography

Introdução

No final de abril de 2018, no encerramento do 17.º Congresso de Língua Portuguesa na PUC-SP, um auditório lotado aplaudiu de pé Evanildo Bechara. Engana-se quem eventualmente pensar que era um público de filólogos, gramáticos e linguistas apenas que reconhecia merecidamente o valor intelectual de um de nossos maiores gramáticos da tradição luso-brasileira.

Na plateia, um atento público de jovens, alunos de faculdades de letras, seguravam gramáticas nas mãos, deixando em todos a imagem de vitalidade e atualidade das ideias linguísticas de Bechara.

Este texto pretende se associar a essa imagem do auditório lotado aplaudindo o gramático, o linguista, e acima de tudo o professor Bechara. Para isso, em tom de homenagem, procura-se recuperar um percurso na trajetória histórica do intelectual, colocando como objeto de uma narrativa historiográfica a contribuição de Bechara para a história das ideias linguísticas. Em especial, e a partir da Historiografia da Linguística, um texto do gramático e linguista será analisado: uma revisão da tradição gramatical em língua portuguesa escrita em 1997. Nesta reflexão, essencialmente meta-historiográfica, fica também uma reverência ao pensamento fundamental, para o conhecimento sobre línguas e linguagem, de Evanildo Bechara.

1. Bechara historiógrafo: “a tradição gramatical luso-brasileira” de 1997

Bechara traça um panorama da história da gramática portuguesa e brasileira, compreendida a partir de uma delimitação de natureza geográfica, em “A tradição gramatical luso-brasileira”. Texto publicado como um capítulo da coletânea *Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil*, organizado no final da década de 1990 por Eberhard Gärtner.

A narrativa historiográfica de Bechara persegue um direcionamento de continuidades, marcado pela busca de influências presentes nas ideias gramaticais dos autores que ele selecionou para sua apresentação de uma história da gramática.

Essas influências, captadas na dinâmica histórica que instaura líderes intelectuais e seus seguidores, são vistas em um percurso de diálogo Portugal-Brasil em um texto que não se limita a uma crônica, já que, ao elencar autores que considera fundamentais nessa tradição, Bechara também faz pontuais comentários interpretativos. Isso contribui para que sua historiografia seja densa em sua brevidade. O que por si só é positivo, pois o texto pode servir de base para outros trabalhos que se interessem pela perspectiva comparada estabelecida.

Seguindo algumas interpretações de Eugenio Coseriu (pontuando um elo de influência na formação e produção intelectual do gramático brasileiro) sobre períodos da história dos estudos da linguagem, a tradição revista por Bechara localiza-se temporalmente nos séculos XIX e XX. A periodização indica que se trata de percorrer dois séculos fundamentais para o estabelecimento dos estudos linguísticos, que para Bechara contemplam os estudos gramaticais, como se pode depreender do uso que faz da expressão “estudos linguísticos” para se referir à produção gramatical.

Nesse sentido, Bechara mantém um olhar continuísta sobre a história das ideias linguísticas, a partir do qual uma longa produção de gramáticas é considerada como parte de uma etapa da linguística. Não é uma história de rupturas que se escreve, mas uma história de continuidades.

Ao interpretar essa escolha, pode-se considerar a reafirmação de que uma historiografia é elaborada a partir de um posicionamento adotado pelo historiógrafo, que pode escolher entre a continuidade e a descontinuidade para narrar sua história.

Em termos temáticos, a produção privilegiada é a que se circunscreve nas áreas da gramática histórico-comparativa, da filologia e da fonética experimental. Áreas de destaque no período recortado por Bechara para sua história da gramática.

O marco inicial dessa história, permeada pela indicação de influências, continuidades e diálogos intelectuais, é o da obra do português Francisco Adolfo Coelho, a partir do “pequeno e revolucionário”, na avaliação de Bechara, *A língua portuguesa*, publicado em 1868. Esse livro é considerado, na visão do gramático brasileiro, como a obra que inaugura a presença do método histórico-comparativo na história das ideias linguísticas portuguesas. Nesse marco, Bechara começa a traçar sua história de influências, indicadas por meio de citação a nomes de autores presentes na gramaticografia que historiografa.

Em Adolfo Coelho, já caracterizando uma rede de diálogos e configurando um trânsito de ideias linguísticas, está o uso de princípios teóricos propostos

por Frederico Diez, nos anos 1836-1843. Ainda sobre o gramático português, Bechara afirma que ele “exerce[u] extraordinária influência na elaboração de gramáticas destinadas às escolas secundárias e liceais em Portugal e no Brasil” (BECHARA, 1997, p. 10).

Numa linha de continuidades, medida na avaliação de Bechara pela presença de aspectos específicos em várias gramáticas, estão trabalhos herdeiros do português como aqueles escritos por Teófilo Braga e Júlio Ribeiro.

Bechara localiza marcas de continuidade observando não só a utilização de princípios teóricos e métodos adotados por autores, mas também a elaboração de dedicatórias e outras formas de referência que estão no elenco de elementos caracterizadores da presença do argumento de influência, tal como estabelecido pelo historiógrafo da linguística Konrad Koerner.

O fluxo de troca de ideias linguísticas é destacado por Bechara, por exemplo, no diálogo entre Adolfo Coelho e Júlio Ribeiro, citando o próprio Coelho e sua explicitação da relação Portugal-Brasil na gramaticografia luso-brasileira.

Outra linha de continuidade é delineada na esteira do catedrático brasileiro do Colégio Pedro II Fausto Barreto. A atuação de Barreto é delimitada também em uma rede de confluências e continuidades. Diz Bechara (1997, p. 11):

o método histórico-comparativo, não só pela leitura das obras que se iam publicando em Portugal, mas também pelo contacto direto com os trabalhos dos autores estrangeiros representativos das nossas orientações, norteou a remodelação e plano de ensino de preparatórios, especialmente elaborado por Fausto Barreto.

De Fausto Barreto, Bechara aponta um eixo de continuidades na produção gramatical que engloba os nomes de João Ribeiro, Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, Alfredo Gomes, Maximino Maciel.

Como apontado, Bechara não faz uma crônica da produção gramatical em língua portuguesa, mas, ao contrário, propõe interpretações historiográficas que se destacam por, principalmente, procurar configurar modos de circulação e recepção de ideias gramaticais, como no trecho citado a seguir sobre a gramática escolar na tradição que analisa:

A excelência de doutrina dessa *Gramática Portuguesa* [obra escolar de Antônio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, publicada em 1898] parece ter caído num imerecido esquecimento, tanto em Portugal quanto no Brasil, mas os que a leram com atenção, não deixaram de reputar-lhe o valor e considerá-la dos melhores compêndios gramaticais já elaborados para nossa língua (BECHARA, 1997, p. 12).

Nessa produção de natureza escolar, Bechara aponta linhas de continuidade pelas influências que Garcia Ribeiro teria recebido de Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, além dos clássicos Diez, Cornu, Meyer Lübke.

Na produção de Carolina de Michaëlis, Bechara caracteriza um “movimento renovador” em filologia e uma contribuição de destaque ao lado daqueles trabalhos realizados por Teófilo Braga.

Mantendo o propósito de historiografar em paralelo, no fio condutor de apontar influências e recepções na continuidade de saberes sobre a linguagem, Bechara avalia não haver no Brasil nomes, na época de Carolina Michaëlis e Teófilo Braga, dignos de destaque na produção em filologia, em função da dificuldade de acesso a documentos escritos antigos.

Sobre a fonética experimental, Bechara destaca o trabalho do português Gonçalves Viana, “dono de um ouvido apuradíssimo, conseguiu elencar sons que só mais tarde, com a introdução de aparelhos sensíveis, puderam ser registrados” (BECHARA, 1997, p. 12).

No traçado de continuidades, que na corrente histórica firmam tradições, Bechara indica os nomes que seriam os sucessores de Gonçalves Viana nos estudos sobre o som, ainda que esses sejam considerados “pouquíssimos”: Oliveira Guimarães, Armando Lacerda, José Oiticica e Antenor Nascentes.

Na sua historiografia, Bechara ainda faz referência ao trabalho de Leite de Vasconcelos com especial reverência, já que este seria nome presente nas duas tradições (portuguesa e brasileira), como a unificar de fato um ambiente intelectual luso-brasileiro.

Em Portugal e no Brasil exerceu uma influência tão eficaz e decisiva, que dele se pode afirmar que tudo o que se escreveu sobre nossa língua ou partia de suas lições ou a elas chegava como garantia de alicerce teórico. (BECHARA, 1997, p. 13)

Na linha sucessora de Leite de Vasconcelos, nomes como João da Silva Correia, Manuel Rodrigues Lapa, L.F. Lindley Cintra.

Procurando os caminhos das influências, Bechara também considera o português Augusto Epifânio da Silva Dias, de quem afirma, atento ao processo dinâmico de circulação de ideias linguísticas:

Vale a pena registrar que não sendo o Brasil um cultor assíduo da filologia clássica nesta feição aqui assinalada [estudos de crítica textual na linha lachmanniana], a

influência da obra de Epifânio Dias só se deu em atenção ao domínio da sintaxe que encontrou em Mario Barreto, e, com menor extensão, em Sousa da Silveira, entre outros, os seus principais êmulos. A investigação e a produção da crítica textual chegou ao Brasil desgarrada dessa influência direta do mestre lusitano. (BECHARA, 1997, p. 15)

Outro destaque dado por Bechara é para o nome do professor de alemão e geografia, e grande estudioso da língua portuguesa, Manuel de Said Ali, “inserido no contexto do movimento linguístico e pedagógico do final do século XIX” (BECHARA, 1997, p. 16). Sai Ali está, para Bechara, em continuidade com os estudos de autores alemães como Sievers, Brugmann, Delbrück, H. Paul. Uma linhagem de abordagens diacrônicas para os estudos linguísticos. Entre outros temas de Said Ali, é destacada a visão que via o português do Brasil “como um dialeto, e como tal podia apresentar particularidades que o distinguiam do falar geral lusitano” (BECHARA, 1997, p. 16), na linha de pensamento já adotada por Leite de Vasconcelos.

Mais uma vez, os nomes na historiografia de Bechara balizam continuidades e formação de tradições a partir da semelhança na escolha de temas e de posturas teóricas. Uma história de filiações e pertencimentos a grupos que, numa visão retrospectiva, constituíram grupos de pensamento, ainda que estes não se tenham de fato constituído como grupos de especialidade ou comunidades institucionalizadas de pesquisa, como se daria efetivamente apenas com a prática científica da segunda metade do século XX.

De Said Ali, ainda, estaria para Bechara a configuração de outra rede de influências, na continuidade com o pensamento de Ferdinand de Saussure. Ressaltando a acuidade intelectual de Said Ali e seu conhecimento atualizado dos estudos linguísticos, afirma Bechara (1997, p. 17): “O *Cours* [de Saussure] saiu em 1916 e já na 2a. edição (1919) das *Dificuldades da língua portuguesa*, Said Ali se referia à dicotomia operacional da investigação linguística de *sincronia e diacronia*”.

A circulação de ideias linguísticas, nem sempre positiva, de Said Ali também é vista nos seguintes termos:

A novidade, apesar de rigorosamente científica, não foi compreendida na época; a crítica estranhava “uma gramática histórica sem latim” e a condenou a apenas duas edições em vida do autor. Só com o desenvolvimento da Linguística no Brasil e com a iniciativa pioneira da Universidade de Brasília de propor a reedição de

obras importantes é que as gramáticas de Said Ali reataram seus vínculos com a geração nova de estudiosos da língua portuguesa. (BECHARA, 1997, p. 18)

É a partir da distinção saussuriana entre sincronia e diacronia, presente em trabalhos de Said Ali, que Bechara encerra sua narrativa histórica sobre a tradição gramatical luso-brasileira, sem deixar de apontar, como é a tônica de todo seu texto, eixos de continuidades que, por fim, acabam por estabelecer tradições de estudos linguísticos.

2. A narrativa histórica de Bechara em 1997: uma análise meta-historiográfica

Na interpretação de Bechara sobre uma história da gramática portuguesa e brasileira, estava em destaque, como apontado, uma linhagem de continuidades e influências na escrita gramatical luso-brasileira dos séculos XIX e XX. Nessa escolha, o traçado de diálogos entre autores evidencia uma opção de Bechara em configurar uma tradição que ultrapassou fronteiras e constituiu um espaço de confluências entre gramáticos.

Em *Historiografia da Linguística* – campo que se propõe a analisar a produção, o desenvolvimento e a recepção do conhecimento produzido a respeito das línguas e da linguagem¹ – a questão das influências foi objeto de reflexão de Konrad Koerner em texto clássico sobre o “argumento (ou o problema) da influência”, publicado pela primeira vez em 1987.

Em suas considerações meta-historiográficas (ou seja, aquelas que pretendem analisar o modo como narrativas sobre histórias se constituem), Koerner (1987) estabelece direcionamentos e critérios para tratar das influências na constituição de uma história do conhecimento produzido sobre a linguagem.

São aspectos importantes a serem analisados na busca por influências, segundo o autor: a) a formação intelectual de autores (o que foi assimilado intelectualmente no trajeto formativo e também o que se absorveu de um clima de opinião mais amplo, ainda que este precise ser considerado com atenção pelo historiógrafo para que não se proceda a interpretações muito amplas e generalizantes); b) as redes intertextuais, a apontar a confluência de teorias e

¹ Para uma introdução à *Historiografia da Linguística*, v. Altman (1998), Altman e Batista, org. (2012), Batista (2013). As considerações de Koerner (2014) e Swiggers (2004, 2013, 2017) são exemplos de textos fundamentais para a compreensão desse campo de pesquisa.

conceitos (as citações, as remissões a fontes, as dedicatórias, as epígrafes são elementos que evidenciam inspirações e diálogos em uma produção intelectual); c) as referências explícitas a autores e suas ideias. Este último aspecto é, para Koerner, o decisivo na construção de trajetórias de continuidades e influências na análise da história das ideias elaboradas sobre a linguagem e as línguas.

Como visto no item anterior, que descreveu o texto historiográfico de Bechara, as influências entre autores portugueses e brasileiros deram o tom da narrativa que buscou mapear uma trajetória intelectual que caracteriza uma produção gramatical luso-brasileira. Essas influências foram apontadas a partir da interpretação do modo de circulação das ideias na perspectiva que Bechara adotou.

Mesmo não seguindo a pauta da Historiografia da Linguística, o texto de Bechara de 1997 dialoga com muitas das proposições estabelecidas por Koerner dez anos antes. Isso porque está na narrativa sobre as gramáticas portuguesas e brasileiras a indicação de que autores foram influenciados por outros autores em meio a processos dinâmicos de recepção de ideias e teorias.

Esse mapeamento da presença de continuidades na produção gramatical selecionada por Bechara permite que o leitor de seu texto apreenda uma história ancorada na noção de tradição, na qual permanências teóricas e metodológicas são as evidências fundamentais para sustentar o que o próprio título do texto havia estabelecido: uma tradição presente na escrita gramatical em língua portuguesa nos séculos XIX e XX.

Seguindo Swiggers (2013), em suas considerações a respeito de como descrever e analisar histórias escritas sobre o conhecimento a respeito da linguagem, uma avaliação meta-historiográfica pode partir de um questionamento central para a compreensão da função de um texto historiográfico: de que modo esse texto se insere em um circuito mais amplo?

O texto de Bechara foi publicado em uma coletânea patrocinada pelo Centro de Estudos Ibero-Americanos da Universidade de Leipzig. O objetivo da publicação era o de divulgar a um público mais amplo, leitor de língua portuguesa, informações sobre as pesquisas em linguística portuguesa (em suas diferentes ramificações) empreendidas no mundo lusófono. Desse modo, o interesse principal era a divulgação, sem que com isso se entenda a ausência de um público leitor privilegiado, formado por aqueles que são de fato membros de uma comunidade de estudos linguísticos e gramaticais.

O circuito mais amplo em que Bechara se situava era o de especialistas reconhecidos nos estudos linguísticos brasileiros e portugueses. Ao lado do

capítulo escrito por Bechara, estavam textos de Jorge Morais Barbosa (da Universidade de Coimbra), de Maria Helena Mira Mateus (da Universidade de Lisboa), de Cristina Altman (da Universidade de São Paulo). Esses autores tiveram como propósito orientar historiograficamente suas reflexões, dialogando de perto com a narrativa historiográfica de Bechara.

Completavam o volume apresentações de trabalho em temas mais específicos: os estudos crioulos (por Hildo Honório do Couto, Universidade de Brasília); a variação linguística (por Maria do Socorro Silva de Aragão, das Universidades Federais da Paraíba e do Ceará e da Universidade Estadual da Paraíba); a lexicografia (por Francisco da Silva Borba, da Universidade Estadual Paulista); a psicolinguística (por Leonor Scliar-Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina).

Respondendo ao ideal de uma divulgação universitária da história da produção gramatical em língua portuguesa, Bechara elaborou um texto em forma sequencial, configurando uma narrativa sobre a produção de gramáticas nos séculos XIX e XX. Uma perspectiva linear foi a adotada, em uma trajetória de continuidades que foram se estabelecendo ao longo do desenvolvimento dos séculos, de uma perspectiva histórico-comparativa até a visão sincrônica como definida por Ferdinand de Saussure na primeira década do século XX.

Essa forma sequencial adotada deixa transparecer pressuposições que estavam na base da história que Bechara contou. Quem faz uma história compartilha, ao narrar acontecimentos históricos, avaliações a respeito do que considera como mais ou menos científico, mais ou menos válido, mais ou menos adequado e relevante. Assim, o texto de Bechara nos evidencia a própria concepção dele a respeito de uma história da gramática luso-brasileira. Uma história elaborada a partir de um ponto de vista que também nos diz muito sobre a formação intelectual do autor que olha retrospectivamente para os acontecimentos que considera importantes em uma tradição gramatical.

Na historiografia narrativa de Bechara, na qual os eventos (a produção de gramáticas no domínio lusófono nos séculos XIX e XX) são relatados e interpretados na sucessão cronológica de acontecimentos, está a perspectiva do próprio autor a respeito da história que ele valida como relevante para uma tradição de escrita gramatical.

Essas considerações meta-historiográficas a respeito do texto de Bechara nos direcionam para outra reflexão: a natureza discursiva dos textos que se propõem a narrar eventos históricos².

² Retomo aqui considerações apresentadas em Batista (2018).

A elaboração de uma narrativa historiográfica é circunscrita a seu momento histórico e aos objetivos do historiador/historiógrafo. Essa perspectiva implica ressaltar o caráter de narratividade de um texto historiográfico, produto da seleção e da interpretação de um historiógrafo que operou recortes e definiu parâmetros de análise. Há uma construção dinâmica de um fato histórico (elaborado narrativamente no discurso do historiógrafo), selecionado e legitimado pela narrativa historiográfica.

Assim, o registro e a análise historiográficos são produções discursivas a respeito de um fato histórico. Essa produção discursiva é uma elaboração retórica, no sentido de que é uma escrita cujo objetivo é ressaltar fatos e agentes em meio a tantos outros, e, portanto, convencer e persuadir em torno das escolhas feitas pelo historiador/historiógrafo.

Na interpretação de Bechara sobre gramáticas lusófonas estava também um objetivo persuasivo implícito: o de convencer de que a história que se estava contando era relevante e importante para ser interpretada como uma análise de uma tradição.

Conclusão

O texto sobre a tradição gramatical luso-brasileira, como uma reflexão de natureza historiográfica, não é isolado no conjunto de trabalhos de Evanildo Bechara. Em outras ocasiões, como conferências e palestras, o gramático brasileiro voltaria a manifestar seu interesse em refletir sobre a história da linguística e da gramática. Dois outros textos podem exemplificar esse interesse de Bechara.

Em 1970, o gramático publicou, fruto de uma conferência proferida um ano antes, seu estudo monográfico, de teor historiográfico, sobre *A contribuição de M. Said Ali à Linguística Portuguesa*. Escrito quando Bechara já era conhecido como importante gramático da língua portuguesa (sua *Moderna gramática portuguesa* alcançava a 14a. edição na segunda metade do ano de 1960), esse texto retrospectivo, ao lado do resgate histórico da ideias linguísticas de Said Ali, não deixava também de ser uma reverência de Bechara a seu tão caro mestre.

Em outro recorte temporal, no século seguinte à publicação sobre Said Ali – no ano de 2018 –, Bechara republicava, em coletânea organizada por Neusa Barbosa Bastos, um texto que analisava a influência de Saussure nas gramáticas da língua portuguesa. Mais uma vez, o interesse pelas influências e continuidades na história das ideias linguísticas estava presente em “Primeiros ecos de Ferdinand de Saussure na gramaticografia da língua portuguesa”.

O interesse de Bechara pela história de seu campo de estudo e atuação intelectual e profissional nos indica como as palavras de Konrad Koerner foram precisas na década de 1970, quando este afirmou que um dos propósitos – e talvez sua grande importância, em nossa perspectiva – do estudo da história de um campo é o de diferenciar um verdadeiro cientista (da linguagem) de um mero técnico capaz de empregar métodos analíticos. Aquele estaria, muito mais do que este (por mais habilidoso que seja), consciente da importância de um olhar retrospectivo (e até prospectivo, em consequência) para sua área de trabalho. Desse modo, esse verdadeiro cientista veria a história como parte integrante da linguística e não como um tipo de conhecimento acessório que facilmente se poderia descartar.

Nesse sentido, estão Bechara e todos os linguistas e gramáticos que com ele compartilham o interesse pela história dos estudos linguísticos em linha direta de afinidade com as palavras da crítica cultural argentina Beatriz Sarlo, para quem:

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. [...] Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. (SARLO, 2007, p. 10)

Referências

- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ALTMAN, Cristina; BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). Dossiê Historiografia da Linguística. *Todas as Letras S. Revista de Língua e Literatura*, v. 14, n. 1, São Paulo, 2012. p. 12-120.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. História da Linguística e Retórica Revolucionária. *Lingüística*, Montevideo, v. 34, n. 2, a sair em dez. de 2018.
- BECHARA, Evanildo. *A contribuição de M. Said Ali à Linguística Portuguesa*. Porto Alegre: Instituto Cultural Brasileiro-Árabe, 1970.

- BECHARA, Evanildo. A tradição gramatical luso-brasileira. In: GÄRTNER, Eberhard (Ed.). *Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1997. p. 9-20.
- _____. Ecos de Ferdinand de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa: história, memória e intersecções lusófonas*. São Paulo: Educ: IP-PUC-SP, 2018. p. 59-66.
- KOERNER, E.F.Konrad. The Importance of Linguistic Historiography and the Place of History in Linguistic Science. In: _____. *Toward a Historiography of Linguistics: Selected Essays*. Amsterdam: John Benjamins, 1978. p. 63-69.
- KOERNER, E.F.Konrad. On the Problem of 'Influence' in Linguistic Historiography. In: AARSLEFF, Hans et al. (Ed.). *Papers in the History of Linguistics: Proceedings of the Third International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS III), Princeton, 19-23 August 1984*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 13-28.
- KOERNER, E.F.Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Prefácio de Carlos Assunção. Seleção e Edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SWIGGERS, Pierre. Modelos, métodos y problemas en la historiografía linguística. In: ZUMBADO, C. et al. (Ed.). *Nuevas aportaciones a la historiografía linguística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL*. La Laguna, 22 al 25 de octubre de 2003. Madrid: Arco Libros, 2004. p. 113-146.
- SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-60, 2013.
- SWIGGERS, Pierre. 2017. Linguistic Historiography: A Metatheoretical Synopsis. *Todas as Letras. Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v.19, n.2, p. 73-96.

Nota do editor: articulista convidado.